

PALAVRAS-TEMA: UMA PROPOSTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

EUVALDO COTINGUIBA GOMES

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano)

LUIZ ARTUR DOS SANTOS CESTARI

Universidade Estadual do Sudoeste (UESB)

Resumo

A discussão em torno do ensino de Filosofia é uma constante no meio acadêmico, com permanente busca de novos meios e formas de seu ensino-aprendizagem. Diante desta realidade, em que nem mesmo seu lugar no currículo está garantido, vivemos e experimentamos constantes retrocessos no seu ensino e aprendizado. Essa situação é mais grave na Educação de Jovens e Adultos; e, por isso, temos o desafio de apresentarmos neste trabalho uma possibilidade de metodologia para o aprendizado da Filosofia a esse público. O trabalho é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo entender e discutir o que é e como pode ser a Filosofia, segundo a percepção dos Jovens e Adultos presentes no PROEJA, em uma unidade escolar de Ensino Técnico Profissionalizante. Como resultados, trazemos a proposição de uma dinâmica pedagógica para o desenvolvimento do ensino da Filosofia à qual denominamos de “Palavras-Tema”. Assim, essas “palavras-tema” são um fato gerador para as aulas e discussões do conteúdo filosófico nos cursos técnicos da Educação de Jovens e Adultos. Encontramos, no método Freirianiano, uma forma de introduzir a reflexão filosófica de maneira significativa e que pudesse aproximar as questões da vida prática dos estudantes com o próprio ato filosófico.

Palavras-chave: Ensino. EJA. Filosofia.

Abstract

The discussion around the teaching of philosophy is a constant in academic circles, with a permanent search for new ways and means of teaching and learning it. Faced with this reality, in which even its place in the curriculum is not guaranteed, we live and experience constant setbacks in its teaching and learning. This situation is more serious in Youth and Adult Education, which is why we have taken on the challenge of presenting a possible methodology for learning philosophy to this audience. This paper is the result of a research project that aimed to understand and discuss what philosophy is and how it can be, according to the perception of young people and adults in PROEJA, in a technical vocational education school. As a result, we propose a pedagogical dynamic for the development of Philosophy teaching, which we call "Theme-Words". Thus, these "theme words" are a generating factor for classes and discussions of philosophical content in technical courses in Youth and Adult Education. We found in the Freirean method a way of introducing philosophical reflection in a meaningful way that could bring together the issues of students' practical lives with the philosophical act itself.

Keywords: Learning. Young and Adult Education. Philosophy.

A Filosofia como aprendizagem

Ao tratarmos da disciplina de Filosofia, no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, buscamos um caminho de abordagem que, de antemão, para ser efetivo, necessita fazer opções, mesmo que estas deixem lacunas ou pareça, em alguns momentos, excluir possibilidades. Essa necessidade se dá, principalmente, em função da extensa produção sobre o tema e das diversas teorias e proposições construídas ao longo da própria História da Filosofia e do ensino da Filosofia. O primeiro desafio é delimitarmos um novo ponto de partida e autores que apontem para outra forma de ver a Filosofia, que tenha em seu pensamento outras rotas para apresentar sobre a presença da Filosofia no Currículo.

A esse respeito, Sílvio Gallo (2012) afirma que:

A filosofia é, possivelmente, o campo de saber mais plurívoco e, portanto, aberto e suscetível de muitos equívocos. Não se pode falar em ‘filosofia’ de forma geral, sem dizer de que filosofia falamos. Da mesma maneira, não se pode falar em ‘ensinar filosofia’ como se se tratasse de algo geral e universal. [...]. Ora, se são múltiplas as filosofias, se são variados os estilos do filosofar, múltiplas e variadas são também as perspectivas do ensinar a filosofia e o filosofar. Assim, quando tratamos do ensino de filosofia é necessário que tomemos uma posição, que nos coloquemos no campo de uma determinada concepção de filosofia. E, fundamental, que deixemos isso claro; que evidenciemos a posição filosófica com base na qual pensamos e ensinamos (Gallo, 2012, p. 17).

3262

Desse modo, necessitamos ter uma visão objetiva ou escolha conceitual para não nos perdermos nas diversas trincheiras existentes para, por consequência, limitarmos a Filosofia a uma disciplina sem significado ou acreditar que esta ocupe posição de destaque em relação aos outros conhecimentos. Fugimos, dessa maneira, da hierarquização das ciências aos moldes positivistas. Partimos, aqui, daquilo que nos apresenta Deleuze e Guattari (2010) em sua obra “O Que é Filosofia”, quando os autores chamam atenção para o fato de que essa questão muitas vezes esteve formulada “[...] de maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, abstrata demais” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 7). Nessa linha de pensamento, os autores postulam que tal questão se coloca mais clara e nítida na velhice; entretanto, para estes não é dada a possibilidade de aspirarmos tal estatuto, pois já é chegada a hora de se perguntar “o que é a Filosofia?” Esta questão já tem, segundo eles, resposta e seria a de que “[...] a Filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 8).

Nessa senda, pretendemos discutir sobre uma Filosofia em termos de multiplicidade, pensar que é na articulação intrínseca do múltiplo que o sentido se produz. Este múltiplo se faz presente naqueles que participam deste processo educativo e que traz consigo suas

singularidades, suas diversidades. Os indivíduos, então, trazem e vivem uma multiplicidade presentes em si, que produz sentido e valor, alcançando a própria Filosofia que trazem consigo e/ou se forma neste acontecimento. Uma Filosofia da Imanência a partir da própria imanência do ser. Logo, passa a ser movimento e é movente, é um acontecimento que nunca se firmará como acontecido porque sempre será porvir.

Em verdade, buscamos uma Filosofia que opere a partir do movimento. Este movimento será encontrado naquilo que traz o próprio aluno, marcado pelas singularidades de suas vidas, com todas as suas peculiaridades. Queremos, por oportuno, uma Filosofia que se construa a partir destes elementos marcantes em suas experiências de vida, em suas expectativas, em seus medos, em suas angústias, em seus desejos, em suas felicidades. Argumentamos em prol de uma Filosofia a qual:

Cada sujeito exprime o mundo de um certo ponto de vista. Mas o ponto de vista é a própria diferença, a diferença interna e absoluta. Cada sujeito exprime, pois, um mundo absolutamente diferente e, sem dúvida, o mundo expresso não existe fora do sujeito que o exprime (o que chamamos de mundo exterior é apenas a projeção ilusória, o limite uniformizante de todos esses mundos expressos). Mas o mundo expresso não se confunde com o sujeito: dele se distingue exatamente como a essência se distingue da existência e inclusive de sua própria existência. Ele não existe fora do sujeito que o exprime, mas é expresso como a essência, não do próprio sujeito, mas do Ser, ou da região do Ser que se revela ao sujeito (Deleuze, 2006, p. 40-41).

3263

Em conformidade com o exposto, asseveramos a possibilidade de uma Filosofia da multiplicidade para que se faça nestes espaços uma Filosofia significativa e atrelada ao imanente. Em consenso, pretendemos uma aprendizagem filosófica que encontre linhas de fuga daquilo em que há muito se transformou a Filosofia no espaço escolar, uma repetição constante de lições de História da Filosofia ou História do Pensamento de determinados autores, como sabemos ser muitas vezes uma permanente repetição da História da Filosofia perdendo, assim, sua dinamicidade e potência intrínseca ao ato do filosofar. Temos o desafio de fugir da Filosofia como um desenrolar cronológico do pensamento filosófico. Estamos, por esse espaço, em acordo com a necessidade de que a Filosofia seja uma “[...] constante atenção ao mundo e ao tempo presente, a busca dos pequenos detalhes que são o que de fato importa” (Gallo, 2003. p. 31).

Assim sendo, para que isso se dê, na realidade, temos que trazer para os espaços de aprendizagem os acontecimentos que permeiam a vida das pessoas que nestes processos se encontram envolvidas, criar possibilidades para que se suscitem acontecimentos os quais eles parecem não existir. Acreditamos que estas condições favoreçam o aparecimento de determinados signos e que a aprendizagem seja efetiva. A esse respeito, Deleuze pontua (2003):

Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos. Quem sabe como um estudante pode tornar-se repentinamente "bom em latim", que signos (amorosos ou até mesmo inconfessáveis) lhe serviriam de aprendizado? Nunca aprendemos alguma coisa nos dicionários que nossos professores e nossos pais nos emprestam. O signo implica em si a heterogeneidade como relação. Nunca se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende (Deleuze, 2003, p. 21).

Por estes meios, abriremos possibilidades de escapar dos diversos controles existentes; pois, mesmo que estes acontecimentos pareçam simples, eles são fundamentais como linhas de fuga e como forma de nos envolvermos numa dimensão de mundo enquanto educadores que contribuem no processo formativo destes que se encontram conosco no espaço da escola – não mais como lugar de ensino, mas de permanente aprendizagem.

Percepções e desejos sobre a Filosofia entre os jovens e adultos numa realidade de PROEJA

Os dados deste trabalho foram coletados junto a estudantes do PROEJA no Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde Adélia Teixeira – CEEPSAT, no período de abril de 2013 a maio de 2017; momento o qual ocupamos nesta unidade a cadeira de docente na disciplina de Filosofia – fato que muito contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa. Aproveitamos assim do exercício profissional para que servisse de análise neste estudo sobre a realidade do Ensino de Filosofia nos Cursos Técnicos destinados ao público da EJA. Em virtude disso, o presente trabalho busca apresentar as percepções e desejos dos alunos e alunas da Educação de Jovens e Adultos numa escola da rede estadual, no município de Vitória da Conquista, cidade de médio porte do interior do Estado da Bahia, no ano de 2016 – período que se deu a realização e análise da pesquisa.

O CEEPSAT foi transformado em Centro Estadual de Educação Profissional pela Portaria nº 7.229, publicada no Diário Oficial do Estado da Bahia, em 26 de agosto de 2011. A partir disso, a Instituição de Ensino passou a oferecer uma série de cursos técnicos profissionalizantes, sendo o Curso Técnico em Segurança do Trabalho e Técnico em Enfermagem ofertados na modalidade PROEJA no período noturno. O centro encontra-se dentro da jurisdição da NRE 20, Território Médio Sudoeste em Vitória da Conquista e disponibiliza semestralmente 90 vagas, sendo 45 em cada um destes cursos.

No período de realização da pesquisa, segundo semestre de 2016, o Centro contava com 250 estudantes matriculados nos diversos módulos; entretanto, ao final do semestre, 39 destes

havam abandonado o curso. Estes dados foram colhidos diretamente dos diários de classe na unidade e dos relatórios de matrículas fornecidos pela secretaria escolar.

Ademais, a pesquisa, em seu todo, buscou caracterizar ainda o perfil socioeconômico e educacional que têm estes alunos que cursam o PROEJA (técnico no ensino médio). Diante disso, focamos este trabalho principalmente na investigação sobre a percepção com que estes chegam acerca do que é e do que esperam da disciplina de Filosofia. Insta lembrar que, mesmo que exista esta percepção, ela pode recair naquilo que já se estabeleceu e que se encontra consolidado pelas artimanhas da representação.¹

Ao investigarmos o conhecimento dos alunos acerca da Filosofia, fugimos ao padrão natural das pesquisas que seria perguntar o que eles sabiam ou conheciam de determinados conteúdos, ou o que já haviam estudado sobre determinados temas e autores. De tal maneira, nossa opção foi por indagar sobre o que eles gostariam de estudar na disciplina e, para isso, partimos do pressuposto de que por meio desta pergunta os estudantes acabariam nos dando respostas que pudessem mostrar se eles tinham ou não algum conhecimento sobre aquilo que é tratado na Filosofia e nos apontar suas expectativas a respeito desta. Ao final da aplicação dos questionários, ficou evidente, pelo uso de determinadas palavras e vocábulos, que – em sua grande maioria – os entrevistados traziam consigo conhecimentos prévios sobre a disciplina e do que ela trata.

Para, além disso, vimos nesta metodologia de trabalho a possibilidade de explorarmos o método de Paulo Freire, utilizando sua metodologia de trabalho baseada em palavras geradoras, o que nos deu pistas para conhecermos o público da EJA nesta unidade e pensarmos metodologicamente uma nova forma de trabalho da disciplina. Constatamos, dessa forma, aqui aquilo que diz C. R. Brandão (1981) quando afirma que:

Quando o trabalho da pesquisa das palavras geradoras está concluído, o que é que a equipe de trabalho tem nas mãos? Tem o seu próprio trabalho e ele foi o mais importante: reuniões foram feitas, decisões de encaminhamento foram tomadas com a comunidade, pessoas foram conhecidas, grupos locais de pesquisa foram organizados. Tem o produto do trabalho – o material da pesquisa (Brandão, 1981, p. 14).

¹ Sobre essa questão da percepção da Filosofia, Deleuze (2000) nos chama atenção para o fato de que tal representação se prende muito ao que se consolidou como História da Filosofia desde os Gregos, que são fundantes de um determinado modo de se conceber a Filosofia. O autor mostra que há uma imagem representacional do pensamento cuja origem é Platão e que precisa ser rompido. Para ele, há que se romper com estes pressupostos representacionais do pensamento a fim de se ter algo novo. Esta tese fica evidente em seu contato e análise com a obra de Marcel Proust (*Em Busca do Tempo Perdido*), quando a analisa em sua obra *Proust e os signos*. É importante trazermos estas questões porque pensaremos a Filosofia no ensino PROEJA partindo da tese deleuziana de que a Filosofia é criar conceitos e para se entender este processo de construção é necessário considerarmos que mesmo aquilo que vem pelas percepções destes jovens, pode, de alguma maneira, encontrar-se preso às representações históricas da própria disciplina.

Diante desses pensamentos, experimentamos, ao final do trabalho de investigação, a sensação de que ali, naqueles questionários, tínhamos os elementos centrais do nosso trabalho e, principalmente, os elementos necessários para o desenvolvimento da disciplina de maneira mais significativa àqueles estudantes, pois eles haviam dito o que desejavam e o que buscavam não somente da disciplina, como do próprio curso.

Para chegarmos a esta constatação, utilizamos como pergunta a seguinte questão: Que temas ou assuntos gostariam de tratar na disciplina? Para tal assertiva, solicitamos que eles respondessem de acordo com o grau de relevância numa escala de 1 a 5, informando até cinco palavras, temas ou assuntos de seu interesse e que estes fossem apresentados de acordo com a relevância que lhes atribuíam.

Ao optarmos por esta questão, consideramos a possibilidade de que as respostas pudessem nos surpreender, principalmente porque fizemos este trabalho no primeiro contato que tivemos com estas turmas, eles estavam chegando à unidade de ensino e não haviam tido qualquer contato com a disciplina e nem com o entrevistador e professor. Nosso intuito foi que utilizando destas condições eles não fossem influenciados e tivessem seus desejos, aspirações e expectativas contaminados por nossas convicções. Acreditamos que alcançamos aqui o objetivo da pesquisa vocabular e temática que é “[...] surpreender a maneira como uma realidade social existe na vida e no pensamento, no imaginário dos seus participantes” (Brandão, 1981, p. 14).

No total de trinta e seis questionários aplicados tivemos como respostas cinquenta e sete Palavras-Tema. A partir destas fizemos uma hierarquização por meio do número de vezes que elas apareceram no total de questionários gerando assim um léxico com escala por ordem de quantidade apresentada. Esta ordem nos possibilitou criar uma escala de importância acerca dos temas e assuntos que estes educandos demandam e que esperam estudar na disciplina. Sabemos que, em função de existir uma ementa para os cursos PROEJA, esta é uma metodologia de risco, pois pode ocorrer de, em uma determinada turma ou situação, aquilo que os alunos escolherem não trazer nenhuma relação com o que se propõe estudar na disciplina. Nesse sentido, é um risco que se corre; contudo, muito positivo no sentido de que isso possibilita acessar a cada semestre e a cada turma aquilo que realmente faz sentido para os alunos que ali se encontram, não estando o professor preso a um modelo metodológico e conjunto de conteúdos únicos.

Nesse contexto, com a metodologia utilizada, provocamos uma quebra da rotina ao criarmos uma abertura às constantes novidades e realidades que chegam com cada aluno ao início de cada módulo. Ressaltamos que essa aplicação não é engessada, ou seja, que não se

pode mudar. Nesse prisma, caso apareça alguma questão mais urgente e emergente no grupo pode-se, tranquilamente, mediante diálogo com os participantes, incluir aquilo que decidirem, sem prejuízos do que foi estabelecido, pois a necessidade e a importância aqui são feitas pelos próprios envolvidos.

Para o agrupamento destas palavras, utilizamos como critério o significado e afinidade temática ou de assuntos. Como exemplo, tomemos a seguinte situação: apareceu o tema “religião” e, mais à frente, há a presença da palavra “crença”, juntamos, ambos vocábulos, em único grupo por entendermos que estão em um só campo de problematização e temática. A partir deste trabalho definimos que essa metodologia poderia ser expressa como Palavras-Tema, visto que em sua seleção o critério sempre foi dado pelas relações de afinidades conceituais e aproximações temáticas.

Uma Palavra-Tema passa assim a funcionar como uma rota para o trabalho, como elemento que serve para disparar o processo de discussão na sala de aula. Sua definição com antecedência facilita para que os próprios alunos sejam e estejam preparados para a discussão, pois antes da própria aula eles terão essas “Palavras-Temas” consigo e trarão para o ambiente de sala de aula suas pesquisas prévias e contribuições para o momento, fazendo com que se dinamize e estabeleça uma participação contínua no processo de aprendizagem. Eles próprios passam, assim, a serem sujeitos da própria aprendizagem, podem partilhar das contribuições trazidas ao mesmo tempo que acessam as contribuições dos demais colegas.

No grupo de trabalho em que desenvolvemos a pesquisa tivemos, inicialmente, a seguinte escala de Palavras-Tema, de acordo com o número de vezes em que apareceu, sem nenhum processo de agrupamento, apenas seguindo a quantidade de vezes em que foi manifesta pelos estudantes. Vale ressaltar que a manifestação e escolha destas Palavras-Tema foi totalmente espontânea, livre de qualquer processo sugestivo e sem quaisquer elementos que os remetesse às palavras, exceto aquilo que traziam consigo de experiências anteriores de suas vidas. Utilizamos somente a pergunta sobre o que eles gostariam de tratar na disciplina, levando-os a se manifestarem por escrito e fazendo escolhas de acordo com o grau de importância que atribuíam a estas palavras mediante uma escala de 01 (menor importância) a 05 (maior importância).

Desta formam ao final da aplicação e com a devida sistematização dos resultados, obtivemos um conjunto de palavras que representava os desejos e anseios dos estudantes da EJA em relação à disciplina de Filosofia. Com isso, ao fecharmos a elaboração de uma tabela, passamos ao agrupamento destas Palavras-Tema que tivessem significados correlatos,

afinidade temática e relações de proximidades a fim de conseguirmos reduzir certo número de possíveis temas a serem estudados ao longo do período dedicado ao módulo (período correspondente a dois bimestres com 40 horas-aulas). Esse processo não comprometeu as contribuições ou levou a qualquer tipo de exclusão, posto que foi possível ao final fecharmos uma proposta de trabalho que atendeu ao que foi proposto inicialmente com o trabalho. A seguir apresentamos a Tabela 01, com as palavras obtidas via questionários, a qual podemos notar uma objetiva opção por determinados termos, tendo como elemento que valida isso a escala de escolhas dentro daquilo que foi solicitado que eles fizessem sua classificação pelo grau de relevância que atribuíam a cada uma delas.

TABELA 01 – PALAVRAS-TEMA RESULTANTES DA APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS AOS ALUNOS DO PROEJA

PALAVRAS-TEMA

<u>Grau de Relevância</u>	<u>Palavra</u>	<u>Escala de Escolhas</u>	<u>Grau de Relevância</u>	<u>Palavra</u>	<u>Escala de Escolhas</u>
1°	Ética	9	30°	Comportamento Humano	1
2°	Política	9	31°	Conhecimento Espiritual	1
3°	Religião	8	32°	Crenças	1
4°	Grandes Filósofos	5	33°	Cultura	1
5°	Filosofia	4	34°	Educação	1
6°	Justiça	3	35°	Esportes	1
7°	Origem do homem	3	36°	Existência	1
8°	Preconceito	3	37°	Família	1
9°	Segurança	3	38°	Filósofos brasileiros	1
10°	Amor	2	39°	História da Maçonaria	1
11°	Cidadania	2	40°	Investimentos	1
12°	Classes Sociais	2	41°	Liberdade de Expressão	1
13°	História	2	42°	Natureza	1
14°	Homicídio	2	43°	Paz	1
15°	Mitos	2	44°	Pedofilia	1
16°	Música	2	45°	Qual sua função	1
17°	Para que serve a Filosofia	2	46°	Que é Filosofia	1
18°	Poesia	2	47°	Racismo	1
19°	Saúde	2	48°	Reis da Antiguidade	1
20°	Sociedade	2	49°	Relações Sociais	1
21°	Suicídio	2	50°	Respeito	1
22°	Administrar o próprio dinheiro	1	51°	Sentido da Vida	1
23°	Administrar o próprio negócio	1	52°	Sustentabilidade	1
24°	Alexandre - o Grande	1	53°	Verdade	1
25°	Aristóteles	1	54°	Vida e Acidentes	1
26°	Arte	1	55°	Vírus	1
27°	Atualidades	1	56°	Viver com o que se tem	1
28°	Caridade	1	57°	A Filosofia no dia a dia	1
29°	Ciência	1			

Fonte: os autores (2017).

As Palavras-Tema como um caminho para a Filosofia no PROEJA

Ao nos depararmos com o resultado do levantamento, tivemos grande dificuldade por conta de que muitos dos temas e palavras se aproximavam, muitas vezes estando relacionados e podendo ser agrupados a mais de um grupo, mas acabamos por seguir o critério quantitativo juntando os que tinham maior número e relação de proximidade; entendendo que estes, como mais pedidos, faziam maior sentido serem postos em primeiro lugar e próximos aos grupos com mais manifestações.

Além disso, ordenamos as palavras que mais apareceram as deixando como vocábulos geradores dos nossos temas. Nessa baila, partimos da ideia de que estas Palavras-Tema por terem sido escolhidas pelos próprios estudantes pudessem provocar discussões, manifestações e participações deles de forma mais intensa. Geramos, assim, oito grupos de Palavras-Tema gerais a serem trabalhados ao longo das aulas.

Estas palavras são, ainda, desencadeadoras de possíveis temas que permitam trazer para a realidade destes estudantes muitos dos conteúdos presentes nos componentes curriculares do PROEJA, tanto das ementas vinculadas à Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), quanto da Formação Técnica Geral. Essa situação pode ser vista com os temas vinculados às palavras Ética, Política, Religião, Amor, Cidadania, Classes Sociais, Grandes Filósofos, Existência, Cultura, dentre tantas outras.

Outrossim, do conjunto de Palavras-Tema sugerido pelos estudantes utilizamos todas elas como elementos geradores dos temas a serem trabalhados pela disciplina. As Palavras-Tema que tiveram maior número de manifestações ocuparam as primeiras colocações dentro da escala, mas, ao final, todas as demandas foram contempladas e acatadas como elementos concernentes ao conjunto da disciplina, sendo estas possíveis razões para a aprendizagem dos discentes a partir deles próprios.

Neste processo, chegamos a oito grupos de Palavras-Tema partindo de uma primeira palavra central que dá o direcionamento e constitui o centro das discussões². Logo, construímos uma nova tabela que segue como um conjunto de possíveis temáticas e conteúdo para o processo de abordagem da disciplina de Filosofia na modalidade PROEJA do CEEPSAT,

² Para definição dessa palavra-tema, foi utilizado o critério de manifestação nas sugestões dos alunos. Em vista disso, as palavras com maior incidência foram consideradas mais relevantes e como sendo mais presentes e condizentes com o desejo do que os estudantes gostariam de discutir e estudar.

dentro dos cursos de Técnico em Enfermagem e Técnico em Segurança do Trabalho, durante o 2º semestre de 2016.

É importante ressaltarmos que esta proposta de trabalho muda a cada nova turma, pois a proposição é que a construção do trabalho se faça partindo do que se colhe dos próprios estudantes. Essa metodologia ganha, por consequência dessa dinâmica, uma renovação constante, pois o público seria novo a cada semestre ou a cada ano – dependendo do formato dos cursos –, não tendo possibilidade de que aquilo que foi recolhido com um grupo se aplique a outro.

Neste grupo em discussão, dentre as Palavras-Tema com maior incidência tivemos: Ética, Política, Religião, Grandes Filósofos e Filosofia; observamos que a vertente de orientação muito comum dos livros didáticos de Filosofia fez-se presente, dado que os livros, metodologicamente, apresentam uma proposta de trabalho mediante temas que sempre trazem essas propostas em sua construção, sendo essa devidamente orientada pelas políticas nacionais de aquisição dos livros didáticos por meio de seus programas como o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD e PNLD EJA³.

É possível afirmarmos que há uma característica que mostra ou revela que há uma concepção de que determinados assuntos sejam tratados pela Filosofia na cabeça destes jovens. Mesmo tendo eles respondido que pouco se lembravam da Filosofia, trouxeram consigo a demonstração de que, ao longo da vida escolar, houve algum contato e, ainda, de alguma maneira a disciplina lhes marcou e lhes incutiu, por exemplo, dado à noção que eles carregam consigo de que os temas informados devem ser tratados por meio dela. Surge, então, a questão da representação⁴ tão presente na Filosofia de Deleuze ao abordar essa problemática fazendo a crítica dos modelos de representação, por exemplo, daquilo que se chega pelo senso comum, pela reconhecimento, pela busca de uma verdade universal e atemporal (Deleuze *apud* Mauricio; Manguiera, 2011, p. 294).

Estamos, de fato, frente a uma situação evidente da forte presença do modelo platônico na Filosofia ocidental. Estaríamos, a saber, diante de um “simulacro”, ou seja, aquilo que estes estudantes nos trouxeram talvez seja somente a velha Filosofia de sempre, modelo ao qual eles tiveram acesso e que conservam, trazendo consigo, mesmo não tendo consciência disso. Seria,

³ Estas orientações encontram-se disponíveis em www.pnld.mec.gov.br. Acesso em: 10. dez. 2016.

⁴ Essa problemática é posta pelo autor em sua obra *Diferença e Repetição*, ao tratar da questão da imagem do pensamento em capítulo dedicado ao tema com o título “Imagens e Representação”; neste espaço, o pesquisador estabelece uma correlação entre esta e a questão da imagem da moral tratada na obra *Proust e os Signos*.

por essa lógica, um simulacro da Filosofia que eles pensam não conhecer e, nós, estaríamos diante do domínio platônico por excelência, o domínio da representação.

O platonismo funda assim todo o domínio que a Filosofia reconhecerá como seu: o domínio da representação preenchido pelas cópias-ícones e definido não em uma relação extrínseca a um objeto, mas numa relação intrínseca ao modelo ou fundamento. O modelo platônico é o Mesmo: no sentido em que Platão diz que a Justiça não é nada além de justa, a Coragem, corajosa etc. – a determinação abstrata do fundamento como aquilo que possui em primeiro lugar. A cópia platônica é o Semelhante: o pretendente que recebe em segundo lugar (Deleuze, 2000, p. 6).

Quando ao buscarmos com os estudantes os caminhos a serem percorridos na disciplina, nos deparamos com as temáticas sempre predominantes da Ética, da Política, da Religião, da própria História da Filosofia, seus pensadores e o conjunto de assuntos trazidos por estes, encontramos-nos diante de uma situação em que o representacional – mesmo não sendo uma ideia consistente a estes estudantes que responderam ao questionário dizendo que nada sabiam sobre Filosofia – levou-os a demonstrarem conhecimentos sobre suas escolhas e proposições de acordo com aquilo que se encontra muito presente na Filosofia enquanto disciplina.

Podemos estar diante uma situação de reconhecimento, ou seja, de uma imagem dogmática de um pensamento (Deleuze, 2006), que, neste caso, seria os próprios temas que devem ser e estar presentes no estudo de Filosofia. Nessa senda, ocorre a colonização do próprio pensar.

3271

Assim, nenhum pensamento é virgem, novo, mas já construído sobre pressupostos que determinam, de antemão, o que será pensado (eis aí, portanto, a reconhecimento) (Gallo, 2008, p. 68). [...] O modelo da reconhecimento está necessariamente compreendido na imagem do pensamento. Quer se considere o Teeteto de Platão, as Meditações de Descartes, a Crítica da razão pura de Kant, é ainda este modelo que reina e que “orienta” a análise filosófica do que significa pensar /.../ Tal orientação é deplorável para a Filosofia, pois o triplo nível suposto de um pensamento naturalmente reto, de um senso comum natural de direito, de uma reconhecimento como modelo transcendental, só pode constituir um ideal de ortodoxia. A Filosofia não tem mais qualquer meio de realizar seu projeto, que era o de romper com a **doxa** (Deleuze, 2006, p. 196 *apud* Gallo, 2008, p. 68, grifos nossos).

Essa problemática – que a uma primeira sondagem poderia nos paralisar – foi ao contrário disso, levando-nos ao estímulo em buscar por meio da Filosofia da Imanência novas formas de trabalho com a disciplina. Lembramos que este contato estabelecido com a comunidade de estudantes do PROEJA durante a pesquisa para levantamento de seu universo de Palavras-Tema voltado à Filosofia não constitui uma pesquisa de alto rigor científico, não era essa a nossa pretensão, desejávamos encontrar formas de desenvolver um trabalho na disciplina que pudesse encontrar e experimentar rotas de fuga tomando como elemento norteador do trabalho a Filosofia da Imanência e as próprias condições e histórias trazidas por

estes estudantes. Não se trata aqui de propor e criar uma nova metodologia para fazer escola ou tornar-se um modismo⁵ na educação filosófica no PROEJA.

Por isso, tivemos o propósito de buscarmos, de uma forma metodológica, produzir e provocar pensamentos em que o desenvolvimento da disciplina seja significativo ao nosso trabalho e àqueles que são os destinatários dela, os próprios estudantes do PROEJA. Trata-se de uma pesquisa simples que teve como finalidade obter e discutir o que é e como pode ser a Filosofia segundo a percepção dos Jovens e Adultos presentes no PROEJA do CEEPSAT, durante o segundo semestre de 2016 e uma forma de se tomar pensamentos como elemento-guia para nossos encontros e discussões de Filosofia (Brandão, 1981, p. 25).

Nossa busca nesta proposta de trabalho é que a Filosofia seja significativa. Para isso, defendemos que o pensamento filosófico se estabeleça a partir de outras referências que não somente as trazidas e firmadas ao longo do tempo e do seu próprio (o do discente – como pessoa) desenvolvimento numa perspectiva predominantemente racional e abstrata, como bem apresenta Almeida e Cestari (2016):

Inspirados em Nietzsche, buscam pensar o platonismo sob outras perspectivas. Ao invés de buscar as formas puras na ideia, atentam para os detalhes da sensibilidade. Uma Filosofia que pense o múltiplo e não o uno. Uma Filosofia do concreto cotidiano e não do universal abstrato. Eles não pensam por categorias e mediações, mas articulam um trabalho de pensamento. Referenciado com a multiplicidade de um conceito, o pensamento vai instituindo novos conceitos. Assim, pensar não é uma redução, mas o homem hierarquiza e estratifica a potência do pensar no mundo, que é pura produção. (Almeida; Cestari, 2016, p. 268).

3272

Dado o exposto e feitas estas considerações, passemos à finalização desta contribuição em que apresentaremos o conjunto de Palavras-Tema resultantes desta pesquisa. Ao finalizarmos o trabalho de triagem e organização, tivemos um conjunto de Palavras-Tema trazidas por estes alunos, sujeitos ativos do processo de aprendizagem. A partir destas, oferecemos aos discentes pontos de vista diversos sobre uma mesma questão, evidenciando os múltiplos aspectos de que aquilo que eles trouxeram podia ser utilizado como parte do exercício filosófico e que eles próprios poderiam construir uma reflexão filosófica sendo parte ativa no

⁵ Utilizamos modismo aqui a partir do conceito desenvolvido e apresentado pelo Professor Dr. Luiz Artur dos Santos Cestari, em suas obras: Os Modismos, a Circulação de Ideias e a Formação de Professores no Brasil; Gabriel Tarde e a Circulação das Modas Educacionais no Brasil: Metamorfoses da Crença Autobiográfica e Esboço de uma compreensão da circulação de ideias: orientações para um estudo das modas educacionais; ao mostrar como que estes se estabelecem e se consolidam na educação a partir da sua repetição. Diz o autor que o “[...] que nos permite perceber o fenômeno da moda é de imediato a repetição, ou seja, o anúncio dos mesmos pressupostos de forma repetitiva em espaços de disseminação – revistas de divulgação científica, programas dos cursos de formação de educadores, propostas de políticas públicas para a educação ou ainda dissertações e teses publicadas em cursos de pós-graduação. Assim, é pela repetição da ideia que nos convencemos da ocorrência dos modismos” (Cestari, 2013, p. 01).

processo de aprendizagem. Para essa finalidade, seguimos uma das orientações presentes nos PCNs (Brasil, 1998), a qual pontua que o desenvolvimento de determinados temas deve promover a diversidade dos pontos de vista e as formas de enunciá-los, promovendo a convivência com outras posições ideológicas e assim permitir o exercício democrático (Brasil, 1998).

A seguir, na Tabela 02, sistematizamos as Palavras-Tema conforme as condições expostas anteriormente.

TABELA 02 – PALAVRAS-TEMA AGRUPADAS E ORDENADAS CONFORME A RELEVÂNCIA DADA PELOS ESTUDANTES

RELEVÂNCIA	PALAVRA-TEMA
1°	Ética;
2°	Política;
3°	Religião, mitos, crenças, verdade;
4°	Filosofia e história, que é filosofia e para que serve? Os grandes filósofos (Aristóteles, Alexandre - O Grande, reis da antiguidade), Filósofos brasileiros, a filosofia no dia a dia;
5°	Sociedade e Classes sociais, relações sociais, comportamento humano, justiça, segurança, cidadania, preconceito, racismo, respeito, liberdade de expressão;
6°	Cultura, arte, educação, música, poesia, ciência;
7°	Administrar o próprio negócio, investimentos, administrar o próprio dinheiro, viver com o que se tem;
8°	Conhecimento espiritual, suicídio, sentido da vida, paz, amor, família, natureza, sustentabilidade, esportes, saúde, vida, acidentes, história da maçonaria, atualidades pedofilia, homicídio;

Fonte: os autores (2017).

A ordem em que apresentamos as Palavras-Tema deu-se respeitando a quantidade de vezes em que cada palavra apareceu. Mas, essa “hierarquização” não tem que ser necessariamente seguida no desenvolvimento do trabalho em sala de aula, pois o propósito é justamente romper com estas amarras e deixar que os estudantes possam participar ativamente do processo. Ao longo do semestre a proposta foi que a cada encontro pudesse ser sugerido um destes pontos para o encontro seguinte de maneira que os próprios estudantes organizassem materiais, trouxessem contribuições, pesquisassem sobre e pudessem partilhar em sala aquilo que traziam consigo, estando sempre muito livres para expor e apresentar as considerações que achassem convenientes.

Essa metodologia não significa que o professor renuncie a sua participação, mas que a tenha de forma ativa no processo, cabendo a ele ser o elemento de partida, aquele que do seu acúmulo trará para a sala de aula suas percepções, interpretações e considerações sobre o que se propôs. Em outras palavras, a figura docente é um elemento fundamental neste processo e será, por certo, o ponto de partida e convergência para os encaminhamentos; afinal, não há

como deixar que o processo corra à revelia, visto que essa postura seria uma irresponsabilidade pedagógica e não uma proposição de trabalho ou metodologia, como pretendemos.

Deste conjunto de Palavras-Tema, observamos que todas elas são contempladas nos livros didáticos de Filosofia, praticamente nenhuma destas fica fora dos manuais disponíveis para o ensino da disciplina. Estes elementos são aquilo que alguns estudiosos denominam como parte do “núcleo duro” do pensamento filosófico (Von Zuben; Araújo; Costa, 2013, p. 163). Todas estas Palavras-Tema estão vinculadas ao conjunto de elementos que compõem as abordagens conteudinais requerentes a um bom livro de Filosofia, sendo elas: i) o aspecto histórico da Filosofia, ii) suas áreas de conhecimento e iii) a problemática que lhes são próprias.

De tal modo, os livros seguem em conformidade com o que se encontrava em vigor naquele momento nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/Brasil, 1998) e Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCN/Brasil, 2006) ao definirem os eixos temáticos das relações de poder e democracia, e apresentar uma série de temas e subtemas como essenciais aos livros de Filosofia⁶. Ressaltamos que mesmo com as mudanças e alterações do Novo Ensino Médio, a LDB segue garantindo no ensino médio estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia (Brasil, 2018), e, portanto, não se encontra superado ou ilegal o que aqui propomos.

Nessa circunstância, ao finalizarmos este processo, percebemos que com este grupo de pesquisados não fugiríamos dos diversos aspectos presentes no ementário destinado aos estudantes, conforme definições do próprio Estado. Nessa toada, o conjunto de Palavras-Tema obtido, possibilitou que nós tivéssemos as condições de desenvolvermos um trabalho que siga as três abordagens filosóficas mais comuns no tratamento com a disciplina, tendo as condições para que os estudantes simultaneamente refletissem sobre suas próprias existências, sobre o mundo em que se encontram inseridos e acerca da própria história do pensamento filosófico e seus grandes pensadores. Os estudantes, ainda, trouxeram dentro do itinerário destas Palavras-Tema condições para o desenvolvimento de sua aprendizagem como envolvidos no seu próprio processo.

⁶ Estes eixos temáticos são devidamente definidos nas páginas 52 e 53 da publicação PCN+ Ensino Médio e Suas Tecnologias do Ministério da Educação (2006).

Considerações Finais

Ao trabalharmos com uma perspectiva de construção conjunta, abrimos possibilidades para que os estudantes trouxessem elementos diversos para o espaço escolar. Isso não significa que as metodologias anteriores sejam preteridas ou deixadas como se não tivessem importância; o que buscamos, com esse estudo, foi criar outras condições para estarmos mais estreitamente vinculados a uma prática que tenha sentido ao educando e que atenda a essa realidade tão particular do PROEJA.

Por meio deste trabalho, acreditamos ser possível repensar e reelaborar a atividade filosófica em sala de aula, de maneira que o novo aconteça fazendo da Filosofia e suas aulas uma possibilidade constante de acontecimentos. Por este princípio, nesta pesquisa não há um modelo a ser seguido, metodologizado ou posto como caminho. O que temos, aqui, é um conjunto de Palavras-Tema apresentados por estes jovens e suas vidas, carregados com os mais diversos sentidos e caos. Estas, as palavras-tema, passam a operar como signos da pluralidade e são resultados de um processo de externalização de subjetividades diversas, posto que são o que estes jovens e adultos trazem de suas histórias de vida, de suas vivências, de suas formas de perceber, sentir e desejar o mundo. Por estas rotas, talvez, estabeleça-se uma forma de aprendizagem da Filosofia, que abandone a ideia de que se ensina Filosofia.

3275

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. M. S.; CESTARI, L. A. S. Plano de Imanência e/ou Contexto de Emergência da Ideia dos Ciclos de Formação Humana. *In*: VII Encontro de Filosofia do Norte e Nordeste, 7., 2015, Vitória da Conquista. **Anais** [...]. Vitória da Conquista: [s. n.], 2015.
- BAHIA (Estado). Portaria nº 7.229 de 26 de agosto de 2011. **Diário Oficial do Estado da Bahia**: Salvador, ano 2011, ed. n. 20.643. Disponível em: egba.ba.gov.br. Acesso em: 25 abr. 2024.
- BRANDÃO, C. R. **O Que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

DELEUZE, G. **Platão e o Simulacro**. Lógica do sentido. 4ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. 2ª. ed. Tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, G. **A Ilha Deserta e Outros Textos**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é Filosofia?** 3ª ed. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munhoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

GALLO, S. **Deleuze & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, S. Filosofia e o Exercício do Pensamento Conceitual na Educação Básica. **Educ. e Filos.**, Uberlândia, v. 22., n. 44., p. 55-78, jul./dez. 2008.

GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia**. Campinas: Papirus, 2012.

MAURICIO, E.; MANGUEIRA, M. Imagens do pensamento em Gilles Deleuze: representação e criação. **Fractal: Revista de Psicologia**, [S. l.], v. 23., n. 2., p. 291-304, 31 ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4848>. Acesso em: 12 fev. 2017.

VON ZUBEN, M. C.; ARAÚJO, J. S.; COSTA, I. M. Avaliação dos Principais Livros Didáticos de Filosofia Para o Ensino Médio Existentes no Mercado Editorial Brasileiro. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, [S. l.], n. 20., p. 157-178, maio/out., 2013.

Sobre os autores

Autor 1



Euvaldo Cotinguiba Gomes

Mestre em Educação (UESB). Professor EBTT do Instituto Federal Baiano (IF Baiano), *campus* Itapetinga, onde leciona Filosofia. É membro do grupo de pesquisa LABHUMA – IF Baiano e CIPED – Uesb. Atualmente, é discente no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade – UESB.

E-mail: euvaldo.gomes@ifbaiano.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062225971004096>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2869-2155>

Autor 2



Luiz Artur dos Santos Cestari.

Doutor em Educação (UFPE). Professor pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UESB) e Ciências Ambientais (PPGCA/UESB).

E-mail: luiz.cestari@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2569014459525283>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1842-2207>